A TARDE 1912 1992 80 anos de comunicação

NA BAHIA

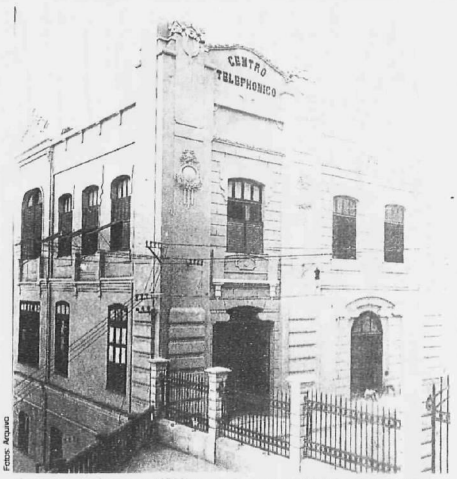
Começo tardio mas avanço rápido

Refletindo as condições da telefonia nacional, a Bahia também apresentou momentos de altos e baixos em sua história. Só que, por aqui, o serviço demorou a entrar em funcionamento. A primeira iniciativa foi em 1883, mas, apesar dos grandes projetos apresentados por Eduardo Pellew Wilson Jr., ao requerer o direito de colocá-lo em prática, os baianos ainda tiveram que esperar bastante para finalmente poder falar pelo telefone.

Na realidade, pouca coisa havia sido feita até 1909 e, ao invés de renovar a concessão a Pellew Wilson por mais 25 anos, o governo transferiu para a Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE). A nova administração começou a dar frutos nesse mesmo ano, inaugurando a nova central, ao lado do Plano Inclinado Gonçalves, com capacidade para 2.300 linhas, operadas pelo sistema manual. Cinco anos depois surgiu a central do Garcia, para servir a região entre o Forte de São Pedro e a Barra. Ainda antes de atingir a década de 20, outras duas entraram em operação: a de Roma e a do Rio Vermelho, perfazendo um total de quase quatro mil novas linhas em pouco mais de 10 anos.

Em 1924 o serviço foi regionalizado, passando para as mãos da Companhia de Energia Elétrica da Bahia (CEEB). Logo ao assumir a tarefa, a companhia implantou as ligações interurbanas entre Salvador e as cidades de Cachoeira, Santo Amaro e São Félix. A inauguração da primeira central automática do estado já estava no cronograma para 1931, quando a empresa foi surpreendida por um incêndio que destruiu totalmente a estação de Roma, um ano antes. Apesar disso, as 4,8 mil novas linhas entraram em funcionamento na data prevista.

A CEEB, contudo, passou a reduzir os investimentos na telefonia, após a implantação de uma rede na Bahia. Por isso, a segunda central automática só veio a entrar em atividade em 1946, no bairro da Graça. A década de 50 marcou um período de absoluta retração no serviço telefônico, agravando as carências tecnológicas. A situação chegou a tal ponto que, em 1958, segmentos da população se dirigiram ao governo estadual para pedir que não se renovasse a concessão da CEEB.



Fotos: Arquivo

A nova central marcou (1911) o grande avanço inicial da telefonia baiana

Foi assim que, em 1959, surgiu a Tebasa — Telefone da Bahia S/A. Mais uma vez a história se repetia e a nova administração procurava mostrar serviço. Modernos equipamentos foram comprados no início dos anos 60, pondo fim ao marasmo da telefonia local. As novas aquisições permitiram a ampliação da capacidade da rede de Salvador para 20 mil novas linhas. Foram criadas pequenas centrais, como as de Itapuã e Aeroporto, com 50 terminais, e as antigas, como a de Roma (reformada após o incêndio de 1930), tiveram o número de linhas multiplicado.

Depois de 1965, os investimentos por parte do governo voltaram a minguar e o ímpeto inicial da Tebasa teve de ser refreado. Nesse período, havia sete estações centrais em Salvador e poucas cidades interligadas pelo sistema interurbano. Em 1973, a capital possuía menos de 24 mil terminais instalados, quando entrou em operação o Plano de Expansão da empresa, elaborado um ano antes.

Embora o total de assinantes fosse extremamente baixo em relação aos mais de um milhão de hoje, a capacidade das estações centrais já estava no limite. Por isso, o usuário tinha à disposição um serviço cada vez pior, sendo obrigado a esperar vários minutos para obter uma linha e conseguir discar. Não raro, depois de muito aguardar, a ligação não se completava ou, pior, caía durante a conversação.

Esse era o quadro da telefonia baiana quando a Telebrás — Telecomunicações Brasileiras —, criada no ano anterior, assumiu o controle acionário da Tebasa, empresa rebatizada como Telebahia. Após essa reforma, finalmente o serviço no estado passou a contar com investimentos constantes, significando uma melhoria efetiva para a população. Uma amostra do grau de evolução conseguido é a ampliação das centrais e dos terminais até 1980 (sete anos depois de criada a Telebahia). Nesse prazo, foram instaladas 140 mil novas linhas em Salvador, quase sete vezes mais do que havia sido realizado em 91 anos de telefonia no estado. Hoje, a área metropolitana de Salvador possui 283.223 terminais.

Os dados não param por aí. Dos 20 municípios que dispunham de telefone, em 1974, houve um salto para 205 localidades atendidas, no final da década, chegando a mais de 1.500 em 1992. Além disso, a quantidade de telefones públicos aumentou em 10 vezes, no mesmo período, chegando a três mil unidades. Ao crescimento dos números se seguiu o aumento de prestígio da empresa baiana em relação aos assinantes e às outras concessionárias do País.

Em um ranking realizado em 1983, a Telebahia já aparecia como a nona melhor empresa do setor no País, entre as 28 existentes. A mesma pesquisa revelava ainda que o serviço tinha um padrão internacional, com o percentual próximo a 100% de linhas fornecidas para discar antes dos três segundos de espera. Era também uma das três mais eficientes do País no atendimento aos pedidos de conserto, realizando o trabalho em menos de 24 horas, em 96% dos casos. Uma das explicações para essa rapidez é que a Telebahia tinha poucos pedidos de reparo, colocando-se como a terceira empresa com menos reclamações.

A essa altura, a média do serviço telefônico no Brasil — operado em 97% pelo Sistema Telebrás — era de boa qualidade, apresentando alta eficiência na maior parte dos estados. Mesmo assim, a Telebahia encontrava espaço para sair na frente. Foi assim, por exemplo, no lançamento da Central Telefônica Comunitária. Esta central nada mais é do que um PABX adaptado para atender conjuntos habitacionais de baixa renda. A idéia pegou e foi copiada em outros estados. Existem hoje 129 dessas centrais na Bahia, com quase seis mil terminais. A vantagem para o usuário de baixa renda é que esse sistema reduz o preço da linha em cerca de 20% do valor de mercado.

INVESTIMENTOS

Recessão cria dificuldades

A modernidade que a telefonia nacional apresentava nos anos 80 foi em grande parte devido aos investimentos realizados na década anterior. Devido à crise econômica que se intensificou no País, mais uma vez o serviço voltou a percorrer o caminho do retrocesso. O Fundo Nacional de Telecomunicações, criado para gerar recursos, no setor, passou a sofrer desvios, sendo empregado em serviços alheios à telefonia. Em 83, apenas 20% do Fundo foram revertidos para a Telebrás e, no ano seguinte, apenas a metade desse percentual.

Primeiro "orelhão" baiano, instalado em 1972

A ampliação da rede continuou, mas de maneira mais lenta. Mesmo assim o aumento da capacidade das estações centrais não acompanhou o fornecimento das novas linhas. Com isso, o usuário voltou a ter que esperar bem mais do que o máximo de três segundos, média obtida até meados dos anos 80. A retomada de recursos financeiros no setor só voltou a acontecer na segunda metade dessa década. Mesmo assim, alguns efeitos ainda se podem notar, na Bahia, como, por exemplo, o percentual de chamadas completadas pelo DDD. Espera-se atingir este ano 49,80% de ligações efetivadas, cerca de 1% a menos do resultado obtido há 10 anos.

O Plano de Ação da Telebahia para os próximos três anos prevê a aplicação, aproximadamente, de US$400 milhões, incluindo o ano de 1992. A parte desse bolo para o ano que vem é de pouco mais de US$100 milhões, dos quais US$84 milhões são para projetos de expansão e para investimento na planta básica.

É ISSO QUE A BAHIA QUER.

NOSSO ESTADO VOLTOU A SER O SEGUNDO MAIOR PÓLO TURÍSTICO DO BRASIL.

O governo do Estado encontrou o turismo baiano em total esquecimento. A Bahia recebia poucos vôos internacionais e a infra-estrutura interna não oferecia condições de receber bem o turista. O nosso turismo perdia, cada vez mais, espaço para os outros estados. Em um ano e meio de trabalho, a Bahia voltou a ser o segundo maior pólo turístico do Brasil, o maior do Nordeste, e o turismo baiano recuperou seu prestígio nacional e internacional. O governo do Estado, através da Bahiatursa, colocou a Bahia em muitas rotas de vôos internacionais vindos da América do Norte, Europa e América do Sul. Com isso, a estimativa é que o turismo venha gerar para o PIB baiano cerca de US$ 500 milhões por ano. Para melhorar a infra-estrutura interna, o governo está construindo o Pavilhão de Feiras no Centro de Convenções e iniciando as obras de ampliação do Aeroporto de Porto Seguro, que passará a receber aviões a jato. Seriedade, respeito ao dinheiro público e trabalho. É isso que a Bahia quer.

GOVERNO DA BAHIA

Nº 8.648